

O INDIVÍDUO E A DÍADE¹

Georg Simmel

1. INTRODUÇÃO

Nossa discussão refere-se às formações sociais que dependem do número de seus elementos componentes. Até agora fomos incapazes de formular esta dependência de maneira a permitir a derivação de consequências sociológicas de certos números específicos. Isto não é, contudo, impossível, se nos contentarmos com estruturas suficientemente simples. Se começarmos com o limite inferior da série numérica, aparecerão magnitudes aritmeticamente definidas, que são as pressuposições inequívocas de formações sociológicas características.

2. O INDIVÍDUO ISOLADO

A estrutura numericamente mais simples dentre as que podem ser caracterizadas como de interação social, ocorre entre dois elementos. Existe, entretanto, um fenômeno externamente ainda mais simples, que também faz parte das categorias sociológicas por paradoxal e contraditório que isto possa parecer - trata-se do indivíduo isolado. É uma verificação, contudo, serem os processos formadores do *dual* mais simples, com frequência, que aqueles necessários à caracterização sociológica do *singular*. Para análise deste último, são dois os fenômenos relevantes: isolamento e liberdade. O mero fato de um indivíduo não interagir com outros não constitui, é claro, um fenômeno sociológico; assim como não exprime, também, a idéia integral de isolamento. Isto porque, na medida em que é importante para o indivíduo, o isolamento não significa apenas a ausência da sociedade. Pelo contrário até, a idéia envolve a

¹ "The Isolated Individual and the Dyad". in *The Sociology of Georg Simmel*, traduzido e organizado por Kurt H. WOLFF, The Free Press, Glencoe, Illinois. 1950. págs. 118-144. Trad. de Robert Schwartz, cotejada com o original alemão.

existência ideal, ainda que rejeitada, da sociedade. O isolamento adquire seu sentido unívoco e positivo na medida em que é considerado como um efeito da distância social - mesmo que sob forma de sobrevivência penosa do passado, de antecipação de contratos futuros, de nostalgia ou de intencional voltar as costas à sociedade. O homem isolado não sugere um ser que habitasse solitário a terra, desde os seus primórdios. Pois também a sua condição é determinada pela associação, ainda que negativamente. Alegria e amargor do isolamento mais não são que reações diversas a influências experimentadas por via social. Isolamento é interação entre dois partidos, um dos quais abandona a cena real após haver exercido certas influências, sobrevivendo e agindo em forma ideal no espírito do remanescente solitário.

Característico, no caso, é um fato psicológico bem conhecido. O sentimento do estar isolado, quando estamos fisicamente sós, raramente é tão decisivo e intenso como quando se é estrangeiro, sem relações entre pessoas fisicamente próximas, tal como acontece em festas, num trem ou no movimento de uma grande cidade. Favorecer um grupo esta solidão, ou mesmo permiti-la em seu seio, é um traço essencial da própria estrutura deste mesmo grupo. Comunidades cerradas e íntimas não costumam permitir tais vácuos intercelulares. Quando falamos de existenciais anti-sociais, tais como miseráveis, criminosos, prostitutas, suicidas etc., podemos referir-nos a elas como sendo um *deficit* que se produz proporcionalmente às condições sociais. Da mesma maneira, uma dada quantidade e qualidade de vida social cria um certo número de existências temporária ou cronicamente solitárias, que não são, é claro, de fácil exame estatístico, como as anteriormente citadas.

3. ISOLAMENTO

Isolamento, portanto, é a relação que, centrada num indivíduo, existe entre ele e um certo grupo ou uma vida de grupo em geral. Sua significação sociológica, porém, não se esgota aí: pode ser também uma interrupção, ou uma diferenciação periódica numa dada relação entre duas ou mais pessoas. Assim sendo, é de especial importância naquelas relações cuja natureza é a

negação mesma do isolamento. Isto aplica-se, sobretudo, ao casamento monogâmico. A estrutura de um casamento particular não precisa envolver, é claro, as mais finas e mais íntimas nuances dos cônjuges. Mas, quando envolve, há uma diferença essencial entre os casos em que se preserva a alegria do isolamento individual apesar da perfeição da vida comum, e os casos em que a relação nunca é interrompida por devoção à solidão. O segundo caso pode ter várias razões. O hábito da vida comum pode ter privado a solidão de seus atrativos; ou é a incerteza afetiva que faz passar por infidelidade a interrupção por isolamento, ou ainda, o que é pior, faz passar a interrupção por um perigo para a fidelidade. De qualquer modo, é nítido que o isolamento não se limita ao indivíduo e não se esgota num simples negar da associação. Tem também um significado sociológico positivo. Na medida em que é consciente, da parte do indivíduo, representa uma relação muito específica em face da sociedade.

E, mais, sua ocorrência - seja como causa, seja como efeito caracteriza marcadamente a natureza, tanto grandes grupos como relações muito íntimas.

4. LIBERDADE

É neste tópico, também, que cabe analisar um dos muitos aspectos sociológicos da liberdade. À primeira vista, liberdade - assim como isolamento - parece ser um simples negar da associação. Isto porque qualquer associação envolve um laço, enquanto que o homem livre não forma uma unidade com outros, mas é uma unidade ele mesmo. Poder-se-ia imaginar uma liberdade que mais não fosse do que falta de relações, ou ausência de restrições sociais. O eremita cristão ou hindu, o habitante solitário das velhas florestas germânicas ou americanas, podem gozar liberdade no sentido de que sua existência está completamente impregnada de conteúdos não-sociais. Coisa semelhante poder-se-ia dizer de uma coletividade (comunidade caseira, por exemplo, ou um estado) que exista à maneira de uma ilha, sem vizinhos nem relações com outras coletividades. Para o indivíduo, entretanto, que tenha relações com outros indivíduos, liberdade tem um significado muito mais

positivo. Para ele, a própria liberdade é uma relação específica em face do seu ambiente. Passa a ser um fenômeno correlativo, que perde seu sentido com a ausência de sua contrapartida. E é em vista desta contrapartida que a liberdade apresenta dois aspectos da maior importância para a estrutura da sociedade.

1) Para o homem social, a liberdade não é um estado que exista sempre, que possa tomar por assegurado, nem é posse de uma substância por assim dizer material, que se tenha adquirido de uma vez por todas. Razão por que liberdade não é nada disto, nós a veremos rapidamente. É de se notar que toda solicitação importante, que empenhe o esforço do indivíduo numa dada direção, tem a tendência de prosseguir indefinidamente, de tornar-se completamente autônoma. Quase todas as relações - de estado, de partido, de família, de amizade, de amor - parecem naturalmente estar num plano inclinado: se são abandonadas a elas mesmas, estendem seus propósitos até impregnarem o homem inteiro. Ficam circundadas, imprudentemente, por um halo ideal, contra o qual o indivíduo precisa guardar, explicitamente, alguma reserva de forças, devoções e interesses que possa manter alheios a essas relações. Não é apenas pelo extenso da solicitação, entretanto, que o egoísmo das ligações ameaça a liberdade dos indivíduos empenhados. Parte cabe também à inflexibilidade da própria relação, quando é estreita e monopolista. Usualmente, cada solicitação faz valer seus interesses com total e impiedosa indiferença para com outros interesses e deveres, sem preocupar-se com uma posterior harmonia ou compatibilidade. Esta limitação à liberdade do indivíduo fica equivalendo àquela que lhe imporá solicitações diversas, quando em grande número. Em face das relações desta natureza, a liberdade emerge como um processo contínuo de liberação, como lutar por nossa independência, pelo direito de escolhermos a qualquer momento e por livre vontade, ainda que nossa escolha recaia sobre o permanecermos *dependentes*. Esta luta deve ser renovada após cada vitória. Assim sendo, a desvinculação - como comportamento social negativo - quase nunca é um calmo possuir da liberdade, mas antes é um contínuo abandonar de laços que estejam, de momento, a limitar a autonomia do indivíduo, ou que tendam a fazê-lo. Liberdade não é existência solipsista, mas ação sociológica. Não é uma condição limitada ao indivíduo isolado, mas uma relação; uma relação, ainda

que do ponto de vista de um dos sujeitos.

2) Liberdade é algo de bem diverso, tanto da simples rejeição de relações como da imunidade da esfera individual em face das esferas adjacentes - assim sendo, não apenas de um ponto de vista funcional, mas também de conteúdo. O que nos sugere o acima dito é a verificação do fato de que o homem não somente deseja ser livre, mas deseja usar sua liberdade para alguma coisa. Grande parte deste uso, contudo, resume-se em explorar e dominar outros homens. Para o indivíduo social, isto é, para o indivíduo que vive em constante interação com outros, liberdade parece não ter nenhum sentido se não lhe permite estender o domínio de sua vontade sobre estes outros, tornando-se idêntica a este poder. Nosso idioma caracteriza corretamente certos atos bruscos e violentos como "tomar liberdades com alguém". De maneira análoga, muitas línguas usam seu termo liberdade no sentido de "direito" ou "privilégio". O caráter puramente negativo da liberdade, como relação do indivíduo para consigo mesmo, fica assim suplementado em duas direções por um caráter muito positivo. Liberdade consiste, em grande parte, num processo de liberação; nasce de um laço, com o qual contrasta; e consciencializada, encontra seu sentido e valor na reação contra este laço. Consiste também numa relação de poder para com outros, na possibilidade de nos fazermos valer dentro de uma dada relação, no obrigar e submeter os outros, ligação em que encontra seu valor e sua aplicação. O significado da liberdade como algo limitado ao próprio sujeito aparece, assim, como separador das águas entre duas funções sociais; estas baseiam-se no simples fato de que o indivíduo está preso por outros, aos quais, por sua vez; prende também. O significado subjetivo de liberdade, nesta perspectiva, aproxima-se de zero, mas revela sua real significância nesta dupla relação sociológica, mesmo quando a liberdade é concebida como qualidade individual.

5. A DÍADE

Como vemos, os fenômenos de isolamento e liberdade existem efetivamente como formas de relações sociológicas, ainda que freqüentemente por meio de conexões indiretas e complexas. Tendo em vista este fato, a

formação sociológica mais simples continua sendo, metodologicamente, aquela que opera entre dois elementos. Contém o esquema o germe e o material de inúmeras formas mais complexas. Sua significação sociológica, contudo, não se esgota em suas extensões e multiplicações. A díade, ela mesma, é uma sociação. Mais do que realizar de maneira pura e característica muitas das formas gerais da sociabilidade, a limitação a dois membros é condição necessária de existência para diversas formas da sociação. Sua natureza tipicamente sociológica é sugerida por dois fatos. Um deles é que a maior variação das individualidades empenhadas ou dos motivos unificadores não alteram a identidade destas formas. Outra, é que ocasionalmente estas formas existem, como entre indivíduos, entre dois grupos - famílias, estados e organizações de diversas espécies.

O caráter específico de uma relação, quando empenha apenas dois elementos, é um dado de experiência cotidiana. O acordo ou segredo entre duas pessoas, o destino ou objetivo comum, ligam-nas de maneira muito diversa daquela que seria possível num grupo maior, ainda que fosse de apenas três participantes. Esta é, talvez, a característica maior do próprio segredo. A experiência parece mostrar que o mínimo de dois, com o qual o segredo deixa de ser propriedade de apenas um indivíduo, é ao mesmo tempo o máximo que ainda permite sua preservação mais ou menos segura. Em começos do século dezenove, formou-se, na França e na Itália, uma sociedade secreta de caráter político-religioso, cuja organização interna era hierarquizada. Os segredos reais da sociedade eram conhecidos apenas nos degraus mais altos; a discussão destes segredos somente se fazia a dois, mesmo que no alto da escala. O limite *dois* foi sentido de maneira tão decisiva que, onde não podia ser preservado com vistas ao conhecimento, foi preservado com vistas à verbalização deste conhecimento. Em termos mais gerais, a diferença entre a díade e os grupos maiores consiste na relação da díade para com seus dois membros, diversa daquela dos grupos maiores para com seus componentes. Ainda que o grupo de dois, para aquele que lhe seja estranho, funcione como unidade autônoma, superindividual, para seus participantes funciona de outra forma. Cada qual se sente apenas confrontado com o parceiro, e não com a sociedade que lhe fica sobreposta. A estrutura social, aqui, repousa igualmente sobre os dois, sendo que o desvio de qualquer deles significaria a destruição

do todo. A díade não apresenta, por isto, aquela existência supra pessoal que o indivíduo sente como sendo independente dele mesmo. Assim que surge a sociação de três componentes, entretanto, o grupo continua a existir ainda que um dos membros se perca.

Essa dependência da díade, em face de seus dois membros, faz com que a idéia de sua existência fique ligada à de sua extinção, e isto de maneira muito mais intensa que no caso de outros grupos, cujos membros sabem que, mesmo após seu desligamento ou morte, o grupo continua a existir. Tanto a vida do indivíduo como da sociação ficam, de algum modo, bafejadas pela imagem de suas respectivas mortes. E "imagem", no caso, não quer dizer apenas pensamento consciente, teórico, mas significa uma modificação da própria existência. A morte se nos antepara, não sendo apenas a fatalidade que a dado momento nos apanhará e que, antes disto, apenas existe como idéia ou profecia, temor ou esperança, sem intervir na realidade desta vida. Pelo contrário, o sermos mortais é uma qualidade inerente à vida desde seu começo. Em toda a nossa realidade vivente existe algo que somente vai encontrar sua revelação final, sua última fase, em nossa morte: nós somos desde o nascimento seres que irão morrer. A maneira de sê-lo, é claro, varia. O modo pelo qual concebemos esta nossa natureza e seu efeito final, e pelo qual reagimos a esta concepção, pode tomar as mais diversas formas, assim como varia a maneira pela qual este elemento de nossa existência se entrelaça com os demais. Estas mesmas observações, note-se, podem ser feitas com vistas a grupos. Idealmente, qualquer grupo maior pode ser imortal. Fato que dá a cada qual de seus membros, qualquer que seja sua reação pessoal à morte, um sentimento sociológico específico. A díade, entretanto, depende completamente de cada um de seus dois elementos - para sua morte, não para sua vida: para viver precisa de ambos, enquanto que, para morrer, lhe basta um.

Esta situação irá influenciar a atitude subjetiva do indivíduo em face da díade, ainda que nem sempre conscientemente ou de igual maneira. Faz da díade um grupo que se tem, simultaneamente, por ameaçado e insubstituível; lugar, portanto, de uma autentica tragicidade sociológica, assim como da problemática sentimental e elegíaca.

Este diapasão de sensibilidade estará sempre presente quando o

terminar de uma união se torna parte orgânica de sua própria estrutura. Não faz muito tempo, notícias chegaram de uma cidade ao Norte da França que relatam uma estranha "Associação do Prato Quebrado". Anos atrás, alguns industriais encontraram-se para jantar. Durante a ceia, um prato foi ao chão, tendo-se partido. Um dos convidados percebeu que o número de fragmentos era idêntico àquele dos presentes. A coincidência foi considerada oracular, motivo pelo qual fundaram uma sociedade de amigos que se deveriam serviço e auxílio mútuo. Cada qual levou Uma parte do prato. À sua morte, o pedaço que lhe correspondesse seria enviado ao presidente da sociedade, que juntaria os fragmentos que recebia. O último sobrevivente reconstituiria, com sua última peça, o prato quebrado, ao que este seria enterrado. A "Sociedade do Prato Quebrado" estaria então dissolvida e poderia desaparecer. O sentimento que impregnava esta sociedade, ou que existia em relação a ela, certamente era diverso daquele que se formaria se novos membros se admitissem, e o grupo, por isto mesmo, pudesse perpetuar-se indefinidamente. O fato de ser definido, desde o início, como grupo que irá morrer, confere-lhe um timbre peculiar - timbre que a díade, pela sua estrutura numericamente condicionada, traz sempre.

Extraído de: CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. 1972. *Homem e sociedade – leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional . 7ª ed. p 129-135.